

BOOK REVIEW

RESENHA DE LIVRO

RODRIGUES, Jean Carlos. **Estado do Tocantins: políticas e religião na construção do espaço de representação tocantinense**. São Paulo: Bucher Acadêmico, 2010.

Eliseu Pereira de Brito

Universidade Federal do Tocantins
eliseubrito@uft.edu.br

Viviane Conceição Santos

Universidade Federal do Tocantins
viviuft@gmail.com

Marcela Ferreira da Silva

Universidade Federal do Tocantins
raifran-@hotmail.com

Nara Lopes de Melo

Universidade Federal do Tocantins
Nara_1sol@hotmail.com

Sineide Nunes Martins

Universidade Federal do Tocantins
sineidem@hotmail.com

Rosângela Ferreira da Rocha

Universidade Federal do Tocantins
raifran-@hotmail.com

O livro é resultado da tese de doutorado desenvolvida pelo professor Jean Carlos Rodrigues e traz uma discussão sobre a criação do Estado do Tocantins, destacando dois principais políticos, Joaquim Teotônio Segurado no século XIX e Siqueira Campos no Século XX. Para o autor, estes dois indivíduos tiveram papel importante no processo de luta que objetivou a criação de um Estado na Comarca do Norte de Goiás.

O processo divisionista se estendeu por 179 anos de lutas e manifestações para a criação do Estado do Tocantins. Tais lutas foram realizadas em prol da emancipação do Norte do Estado de Goiás na formação da nova unidade federativa no país a partir do paralelo 13 do território Goiano, no qual, em 1809, foi dividido em duas Comarcas, a do Sul e a do Norte. A Comarca do Norte recebeu o nome de “Comarca de São João das Duas Barras”.

O Mito da criação do Estado do Tocantins foi trabalhado pelo autor a partir de Cosgrove (2000), para quem todas as culturas humanas têm mitos sobre suas origens. Para Rodrigues, Siqueira Campos é a personificação de um mito criacionista, que deu origem a uma nova produção cultural tocantinense a partir da emancipação política com o Estado de Goiás. O mito citado acima é a emoção, ou melhor, é mais do que isso, ele é a expressão de uma emoção e seus fundamentos emocionais envolvem suas produções e significações.

O autor enfoca também a colocação mítica para criar uma representação imaginária de uma unidade da federação brasileira. Afirma que “essa terra é nossa”, constrói heróis, reatualiza a história e nomeia herdeiros que fala em nome de um “povo”, povo esse que nunca apareceu, mas que nas palavras desses interlocutores estava ansioso pela libertação de uma opressão à qual estava submetido pelos Goianos por mais de um século.

A argumentação que gira em torno da tese da invenção do Estado do Tocantins parte do pressuposto de que a manipulação de elementos simbólicos, que constituem um espaço de representação tocantinense, teve um peso considerável na construção de uma identidade que justificava o discurso fundador que originou essa nova unidade da federação.

A criação do Estado do Tocantins desempenhou um papel importante em uma nova organização territorial e atuou como força impulsionadora de um desenvolvimento. Nesse processo de invenção do Estado, os discursos direcionaram-se no sentido de apresentar uma diferenciação entre o norte e o sul de Goiás, afim de produzir uma identidade tocantinense por oposição à goiana e, assim, elaborar diferentes representações no imaginário popular.

A “Dinastia Tocantinense” possui Siqueira Campos como uma espécie de último herói, cuja missão era cumprir uma tarefa, um “sonho acalentado”, iniciado por Joaquim Teotônio Segurado, que foi a criação do Estado do Tocantins, uma luta que seguia há mais de um século. As representações sociais e o mito da criação do Estado do Tocantins possuem uma distinção entre as representações do estado intuitivo e as do estado abstrato. No que diz respeito à representação intuitiva, essa foi definida como uma representação que compreende todo o mundo visível, ou a experiência em geral, com as condições que a torna possível. Dessa forma, as representações podem ser abstratas, pensadas como intuitivas, aprendidas em si mesmas.

Analisar o papel das representações sociais na articulação políticas e das religiões para a criação do Estado do Tocantins envolveu, num primeiro momento, uma breve discussão em torno da questão que trata da definição do que vem a ser as representações sociais e a delimitação de suas dimensões culturais, haja vista que esses são os dois pontos centrais de análise da proposta do trabalho de Rodrigues.

As representações sociais e o imaginário coletivo possuem funções políticas na legitimação e perpetuação do poder político. Siqueira Campos articulou a elaboração de símbolos e representações sociais do Tocantins afim de criar uma identidade na população do Norte Goiano e estabelecer a partir disso um território no qual exerce esse poder. O espaço de representação é produto do conhecimento e das ideias produzidas nos campos da Filosofia, religião e ética, sendo este a expressão das relações cotidianas. O espaço de representação vai além das descrições espaciais dos objetos concretos, é uma herança das escolas alemã e francesa de se produzir um estudo e análise dos fenômenos naturais geográficos por meio da enumeração e descrição de elementos naturais e humanos, constituindo, assim, um conhecimento dos fatos geográficos.

O espaço de representação tocantinense é, em si mesmo, um espaço simbólico. Esse simbolismo, para significar algo, necessita de sentidos. E é apenas pela atribuição de sentidos aos fatos, coisas e eventos que ampliam a significação desta representação e alimentam o imaginário particular de cada sujeito pensante. No caso da produção de um espaço de representação tocantinense, as necessidades de meios e instrumentos que atribuíssem sentidos aos fatos políticos e religiosos inseridos ao longo do processo de sua construção atuaram na perspectiva de objetivar discursos e mitos políticos enunciados em diversos momentos.

As representações criadas a respeito do Estado do Tocantins habitavam um universo consensual constituído por diversas leituras sobre a nova unidade da federação. Uma delas era a do presidente da Câmara municipal de Goiânia, que destacou em sua manifestação os problemas agrários e as denúncias de fraudes em concursos públicos. Segundo Rodrigues, o Tocantins possuía problemas graves nos latifúndios e regiões imensas inexploradas em termos produtivos.

Conforme deixa claro Rodrigues ao longo do livro, o homem é um ser simbólico. O mistério do símbolo e a mística de sua simbologia revestem a história da humanidade de atributos significantes e significativos, míticos e lendários, que tentaram cada qual em um específico e oportuno tempo-espaço objetivar e significar a dimensão da vida humana em um mundo no qual sobravam perguntas, mas faltavam respostas.